



PULSAÇÕES INTERIORES: EXPERIÊNCIAS SERTANEJAS E MODERNIDADE - CAETITÉ NA DÉCADA DE 1910¹

Eudes Marciel Barros Guimarães²

Resumo: As idéias desenvolvidas neste artigo procuram entender o lugar do Alto Sertão da Bahia no contexto das expectativas de progresso do início do século XX, focalizando a cidade de Caetité. A partir das incertezas do correio anunciadas em um jornal local, foram rastreadas algumas experiências de desilusões que suscitaram singularidades na experiência histórica de diversos sujeitos daquele lugar social.

Palavras-chave: Caetité – Incertezas do Correio – Experiências de desilusões.

Abstract: The ideas developed in this article look for to understand the place of the Alto Sertão da Bahia in the context of the expectations of progress of the beginning of century XX, focusing the city of Caetité. From the announced uncertainties of the post office in a local periodical, some experiences of disillusions had been tracked that had excited singularidades in the historical experience of diverse citizens of that social place.

Keywords: Caetité – Uncertainties of the post office – Experiences of disillusions.

1

De que serve o tempo?... O tempo é o que impede que tudo seja dado de uma só vez. Ele atrasa, ou antes, ele é o atraso. Deve, pois, ser elaboração. Não seria, então, o veículo de criação e escolha? A existência do tempo não provaria que há certa indeterminação nas coisas?

Henri Bergson (*apud* PRIGOGINE, 1996, 22)

Em fevereiro de 1915, as incertezas nos serviços do Correio em Caetité³, anunciadas no jornal *A Penna*, indiciam uma sucessão de experiências de desilusões, malgrado os desejos de progresso no espaço sertanejo. O tempo empaca com a falta de comunicação. Essa sensação não diz respeito apenas ao ritmo temporal numa época de profundas transformações tecnológicas, ela se manifesta no momento em que essas transformações movem os sentidos dos sujeitos numa escala de vasto alcance. Mas até que ponto esse sentimento pode ser verificado na experiência do tempo sertanejo e em que intensidade?

¹ Este artigo foi elaborado originalmente como Trabalho de Conclusão do Curso de História na Universidade do Estado da Bahia – Campus VI/Caetité.

² Mestrando em História pela UNESP/Franca. E-mail: eudesembg@yahoo.com.br.

³ Cidade localizada no Alto Sertão da Bahia, região “referenciada na posição relativa ao curso do rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes”, como afirma o historiador Erivaldo Fagundes Neves (1998).



Examinando os recursos gerados pelas tecnologias emergentes em suas formas desiguais de propagação, Nicolau Sevckenko assinala:

Basta pensar na óbvia diferença entre um contexto em que elas se infundem como um novo dilúvio, demandando medidas urgentes de contenção e adaptação, e, num outro, seu ponto de compensação, em que elas são tão rarefeitas, que geram uma profusão de desejos insaciados no âmago dos quais sua presença se impõe sem restrições e sem cautelas, como autênticos fetiches de um exótico paraíso futuro (1992, p. 310).

A problemática do Correio incita, desse modo, uma irrealização ressentida num contexto de promessas modernas. Em março, quando o correio para de funcionar, o jornal exprime, com ruidosa ironia, a sua opinião:

“Não temos correio de quem queixar”. Facto nunca visto nos annaes da posta brasileira. É que ao seculo actual estava reservado dar-nos cousas nunca vistas, como, por exemplo, a republica da China, os exercitos innumeraveis que se trucidam na culta Europa e o serviço postal da Bahia. A situação que atravessamos, portanto, é de molde moderno, moderníssimo.⁴

2

O alcance deste trecho é catalisador. Ele dá conta, numa via de mão dupla, de explicar a intensidade contraditória de uma época e de situar o espaço caetiteense, essas “recônditas plagas”, na temporalidade que se apresenta como moderna. Os “fetiches” de que fala Sevckenko são, nesse sentido, significados por coisas jamais vistas e o “exótico paraíso futuro”, apesar de a crítica do jornal ser transcendente, aparece na imagem de lugares distantes e estranhos, e que, por isso mesmo, são lugares de coisas desejadas e prometidas. Assim, os enganos e as decepções com o “progresso” encontrados nas experiências sertanejas não estão à margem, mas no interior dessa conjuntura que convém chamar de modernidade, porque ela não traduz uma senda unilateral, pelo contrário, agrega as múltiplas temporalidades elaboradas em variados espaços.

Compreendida também pela sensação de mudanças e não somente a efetivação delas, a modernidade, como diz Marshall Berman, “é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (1986, p. 15). Ela é, portanto, sentida de várias maneiras, como realizações pessoais e coletivas dentro de um campo de possibilidades ou como sua própria negação, visto que

4 GUMES, João. “O Correio”. *A Penna*, Caetité, 25/03/1915. p. 1.

provoca sentimentos de incompletude em relação ao *outro*. Se é, antes de tudo, responsável pela propagação de desejos, não são poucos os desenganos. O momento talvez possa ser traduzido por um espetáculo, por uma imagem de circo descrita por um jovem estudante:

É uma criança [...] realmente admirável como equilibrista. Mas v. ahi verá no verso. Na posição do último quadro – onde ele se equilibra só com a cabeça no varal de um trapézio – munida de vestimenta com uma facilidade tão invejável quanto perigosa. O quadro número 1 apresenta-o equilibrando numa haste de ferro que termina num pequeno círculo. Assim nesta posição toca esquecidamente peças de violino.⁵



Figuras de circo. Cartão postal. Salvador, 1919.

As figuras, assim como o texto, fazem parte de um cartão postal enviado por Anísio Teixeira a uma de suas irmãs em Caetitê, no ano de 1919. Certamente, não foi sua intenção significar a complexidade de uma época, mas a sensação do espetáculo que, em suas múltiplas formas de expressão, impulsionava este novo mundo da velocidade e da vertigem em que “o latejamento dos corpos, os reflexos dos nervos e músculos, são mais compatíveis com os novos ritmos em ação” (SEVCENKO, 1992, p. 73). Nessa perspectiva, a imagem do circo é reveladora. Ela transcende uma sensação particular e se desdobra na alusão ao “invejável” e ao “perigoso”. Quando é recebido por sujeitos de vivências diferentes, no interior da Bahia, os sentidos atribuídos ao postal certamente são plurais. Todavia, essas situações de intercâmbio nos sugerem pensar no imaginário e também na questão da alteridade. Entendemos que esta última “é intrínseca à existência, de forma que a percepção, imagem, representação e/ou o que quer que se forme na mente e no imaginário (individual ou coletivo)

⁵ Arquivo Público Municipal de Caetitê (APMC). Fundo: Acervo Particular da Família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias e cartões postais. Maço: 2, Cx.: 7. 14 de outubro de 1919. Aqui referenciamos tanto o texto quanto as figuras que fazem parte de uma única fonte, compondo seu verso e anverso. Separamos as cenas representadas no postal para melhor visualização.



[...] forma-se necessariamente na relação e confrontação, ou mesmo no estranhamento do outro” (NAXARA, 2009, p. 243).

Defronte a este *outro*, representado, sentido, narrado ou imaginado pelos sujeitos do Alto Sertão da Bahia, é que fazemos nossas perguntas. Pela pesquisa das leis propostas, dos discursos em jornais e correspondências e das experiências em processos judiciais, construímos as nossas interpretações. Desse modo, a significação do espaço sertanejo e do seu modo de vida também se faz pela aproximação ou distanciamento de uma “exterioridade”⁶, sendo compensada pela aceitação, recusa ou indiferença. Sondamos essa problemática tomando-a como questão importante para entender o devir, as formas de discriminação e inferiorização do que ou de quem é visto ou tomado por estranho. Olhamos, entretanto, pelo reverso, pelo lado do frequentemente inferiorizado num momento de indeterminações. Os significados do progresso, as maneiras como a modernidade exterior é compreendida e a construção do espaço sertanejo caetiteense com suas identidades e ritmos serão pontos que discutiremos a seguir. Então, reaparece a citação de Bergson que abre este texto: “o tempo é o que impede que tudo seja dado de uma só vez”, ele “deve ser, pois, elaboração”. As experiências sertanejas nesse período levam, sem dúvida, à elaboração do seu próprio ritmo e das formas como se enfrentam os problemas de comunicação, de velocidade, de “incivilidade” ou imposição de normas. Quais foram, então, as escolhas?

4

“Andar para diante e para trás”: os significados do progresso

Retomamos a questão das irregularidades no Correio. Este problema, segundo João Gumes, autor da reportagem, desvela o desprezo dos dirigentes estaduais e federais para com o progresso do Alto Sertão da Bahia:

A nós se nos affigura, e não é d’agora, que o nosso progresso – isto é, o progresso destas reconditas plagas que, para os nossos dirigentes das alturas estaduaes e federaes, só merecem desprezo e que, quando muito, e por muito favor, só alcançam dos poderes uma esmola que nos distribuem de cara à banda e suspendendo o olfacto; – não se faz em linha recta: é realizado em tortuosa senda que tende sempre à forma circular. Depois

⁶Apropriamo-nos do termo *exterioridade* para significar o outro, aquilo que, sendo material ou imaterial, é exterior a determinado espaço, nesse caso, o Alto Sertão da Bahia. Seu conceito é originalmente desenvolvido por Enrique Dussel, que sistematizou o seu pensamento sustentado na “filosofia da libertação”. Um estudo interessante sobre sua obra foi feito por Roque Zimmermann, em *América Latina – o não-ser: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel* (1986).



de muito andarmos, chegamos de repente a um ponto por onde passamos ou bem próximo d'ele.⁷

E ainda acrescenta posteriormente que, “de acordo com o que acima dissemos, é justa e aplicável ao caso a frase usada quando nos lembramos do caranguejo: 'andar para diante e para traz'”⁸. A imagem do caranguejo é simbólica na linguagem sertaneja e recorrente também na literatura, como avalia Camila Rodrigues em sua interpretação de alguns textos de Guimarães Rosa: “supomos a possibilidade de que o aparecimento deste símbolo pode estar, também, questionando o processo ambíguo da modernização do sertão, que parecia caminhar para frente, mas podia ser também uma marcha para trás” (2009, p. 36)⁹. O que Gumes escreve confirma, então, a suposição desta historiadora.

Reconstituindo o passado do Correio, seu funcionamento no interior baiano, o texto nos proporciona sinais desse processo, uma vez que não encontramos uma reconstituição mais bem elaborada. Com assento em Jacobina, ainda na época inicial do império, era utilizado para noticiar eventos considerados importantes em torno da família real. Depois veio o “correio regular”, de mês em mês, até ser firmada em Caetité uma Sub-Administração, com o intercruzamento de linhas, sendo que a cidade passou a receber malas duas vezes por semana¹⁰. As incertezas, a essa altura, levaram à construção, por parte de João Gumes, de argumentos que colocam o “progresso” da região num campo de dúvidas. A imagem do caranguejo é usada para articular essa construção. Mas de que progresso estamos falando e para quem?

A construção de teatros e de uma Escola Normal, as obras contra a seca realizadas por engenheiros, o projeto de uma estrada de ferro, as leis e posturas para organizar o cotidiano na cidade, a elaboração de jornais com espírito juvenil decantando o modo de vida moderno e o progresso, estão no cerne dos desejos dessa época que, no sertão de Caetité, mesmo ainda essencialmente agrário e com tradições consideradas fora do ritmo moderno, celebravam as novidades quaisquer que fossem ou tirassem do interior a aparência da rudeza ou ignorância. Do outro lado, seu reverso, as proibições de cercamentos de madeira e da criação de animais na cidade, a condenação da “feiura” e do inculto, as repressões aos mendigos e “vagabundos”, a construção da figura do tabaréu e a sujeição de roceiros e

7 GUMES, João. “O Correio”. *A Penna*, Caetité, 11/02/1915. p. 1.

8 *Idem*.

9 Apesar de o caranguejo ser um artrópode que não anda propriamente para frente e para trás, mas para os lados, mantemos o modo de como o imaginário popular recorre a ele simbolicamente. Ver a dissertação de Camila Rodrigues, *Mãos vazias e pássaros voando* (2009).

10 GUMES, João. *Ibidem*.



camponeses de baixa renda ainda apegados às raízes fortemente rurais, o sentimento de inferioridade diante do “moderno” que promovia a humilhação daqueles que propagavam uma imagem negativa sobre o lugar¹¹, levam-nos a pensar em arbitrariedades políticas, deslocamentos sociais e opressões nesse espaço.

Através dessas questões é possível elaborar uma interpretação fundamentada na corrosiva crítica de Walter Benjamin ao progresso, sustentada na idéia de experiências sucessivas de catástrofes dos mais pobres. Ou como melhor esclarece no projeto das *Passagens*: “[...] Que 'as coisas continuam assim' – eis a catástrofe. Ela não consiste naquilo que está por acontecer em cada situação, mas aquilo que é dado em cada situação” (BENJAMIN, 2007, p. 515). O seu método de investigação histórica ancora-se em pensamentos como o de Hermann Lotze, por ele citado diversas vezes no mesmo livro e de quem transcreve: “há progresso suficiente quando ... a cultura [*Bildung*] de uma pequena minoria procura se sofisticar cada vez mais enquanto a grande maioria permanece em uma condição de perene incultura [*Unbildung*]” (BENJAMIN, 2007, p. 522).

É interessante notar como essa concepção de história de Benjamin se aproxima do pensamento de Gumes. A imagem do caranguejo, com passos “para diante e para traz”, que traduz no campo da experiência o progresso no sertão, pode ser relacionada, com efeitos esclarecedores, à idéia da história como espiral, sistematizada no campo da teoria do conhecimento. No entanto, se considerarmos que João Gumes fazia parte de uma minoria à qual Lotze faz alusão, nossas perspectivas são sutilmente estremecidas e tomam formas multifacetadas. Ora, o problema encontra-se dentro de uma rede muito imbricada em que os fios se embarçam e se desencontram. O sujeito que toma a palavra, em diversos momentos, ao lidar com a *exterioridade*, distante e “moderna”, acha-se como um excluído e estende esse sentimento para todo o seu espaço, exceto a alguns “senhores” mais privilegiados. No entanto, quando está diante do *outro* próximo, dos “vadios”, por exemplo, tomam-nos como “desocupados e sãos, que vivem a explorar a caridade pública; desses que em tempo algum preocupavam-se com o futuro”¹². Ou mesmo, em outras opiniões, a evidência de pobres na cidade é tida como algo capaz de levar “aos quatro ventos a notícia de sermos um povo miserável, de que a nossa terra tão rica e fértil, é uma Sahara e que vivemos continuamente de fome”¹³.

11 Lielva Azevedo Aguiar discute as maneiras como a elite caetiteense “desenhou um padrão de vida que se afirmava nas ações cotidianas” e analisa “a convivência dos grupos antagonicos, o papel da política e da 'memória forjada' como instrumentos de manutenção da hierarquia social bem como das desigualdades sociais” (2008, p. 1).

12 GUMES, João. “Mendicância”. *A Penna*, Caetité, 02/12/1915. p. 1.

13 DR. CISEAUX. “Retalhos”. *A Penna*, Caetité, 15/01/1920. *Apud* AGUIAR, Lielva A. *Op. cit.*, p. 3.



Nesse contexto, os significados do progresso podem ser interpretados no campo dos enganos e desenganos com as promessas da modernidade. Num panorama sobre os males que atingiam a região de Caetité em meados da década de 1910, as secas, grande dificuldade enfrentada pelos sujeitos desse espaço, aparecem como um entre os inúmeros problemas sociais, como é narrado em uma matéria de jornal: “Quer chova, quer haja longas estiagens entre nós, estamos convencidos de que sempre estaremos em crise; sempre a miséria e o sofrimento nos perseguirão”¹⁴. Os argumentos para explicar esse paradoxo são sustentados nos fatores “que poderão fazer um povo feliz”, tais como o trabalho constante e metódico, a articulação comercial para a troca dos produtos desse trabalho, a distribuição das propriedades e moralização do proletariado, o interesse dos poderes locais e sua intervenção no desenvolvimento econômico, industrial e comercial. A partir desses fatores, o autor tece o seu ponto de vista sobre a realidade:

Entre nós, tudo isso existe pela inversa. O mesquinho trabalho que realiza uma diminuta fracção do nosso povo não obedece às regras adoptadas pelos modernos systemas agricolas, não retira do solo os fartos recursos naturaes ahi armazenados em profusão, nem consegue baratear o producto tanto quanto é preciso para fazer face à produção de paizes e regiões onde a lavoura é uma industria digna [...]. É tal, porém, a uberdade do nosso solo que, nos annos ordinarios, uma limitadissima fracção do nosso povo agricultor produz quanto baste para abarrotar os mercados locais e fazer que as cotações desçam às mais ridiculas proporções.¹⁵

Sem os meios de transporte para facilitar a entrada de gêneros de primeira necessidade, o comércio estava paralisado, estancavam-se as fontes e ninguém procurava medidas para garantir o futuro. No contexto social desse momento em que sobe a cotação dos produtos de primeira necessidade, os grupos vão se despontando com mais evidência a partir de suas ocupações. Proletários que não se ocupavam da lavoura deixavam de achar trabalho, artífices viam-se obrigados a vender sua mão de obra, jornalistas emigravam, os mais ricos, vendo o aumento dos preços, resguardavam suas economias, evitando empréstimos, e os vadios viam-se no direito de assaltar plantações como se tivesse soado o *salve-se quem puder!* Nessa conjuntura social que mal assimila seus sujeitos, a busca pelas soluções estava amparada em forjar elementos comuns a esses grupos, como aparece no discurso do jornal. Entretanto, vislumbrado o progresso e a modernização do espaço, buscava-se eliminar a presença dos que engrossavam as fileiras da mendicância e vagabundagem, esses vizinhos

14 GUMES, João. “Os Nossos Males”. *A Penna*, Caetité, 12/02/1916. p. 1.

15 *Idem*.

inconvenientes que não deveriam refletir-se no espelho do sertão baiano. As soluções prioritariamente econômicas estavam também vinculadas à construção de uma identidade local a propósito das ideias da época “em que a questão da identidade nacional no Brasil esteve no centro dos debates intelectuais e políticos” (BRESCIANI, 1998, p. 59), mas as fissuras desse debate generalizado eram preenchidas pela análise das localidades.

As formas da bicicleta e outras projeções da modernidade

Uma bicicleta diante de um homem é o objeto mais precioso da fotografia¹⁶. Suas arestas metálicas formam um quase labirinto. A descrição objetiva de suas formas é menos importante do que os seus sentidos. É o elemento da ação e da velocidade que, mesmo em sua imobilidade, vigora e transcende os poderes do homem que a segura. A bicicleta na fotografia representa um produto dos instintos da época e a força da máquina moderna que expressa o alargamento dos poderes humanos, como também os desejos pela força metálica ausente em um determinado espaço. A imagem foi enviada por Mário Teixeira, filho do rico fazendeiro caetiteense Deocleciano Pires Teixeira, ao seu cunhado Juca no ano de 1910, de um lugar chamado Bela Flor, local em que morava nesse período, hoje Guanambi (BA).

8



Foto enviado por Mário ao Juca. Bela Flor, 1910.

¹⁶Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Fundo: Acervo Particular da Família de Deocleciano Pires Teixeira. Série: Fotografias. Data-limite: 1883-1969. Cx.: 1; Mç.: 2.



Há um “eu” na fotografia que deve ser compreendido, é o “eu” que o fotografado deseja ser. Roland Barthes, em *A câmara clara*, confessou: “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a 'posar', fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (1984, p. 22). Esse painel pode ser contrastado por outra imagem descrita por Walter Benjamin:

A foto foi tirada num destes ateliês do século XIX [...]. O menino de cerca de seis anos é representado numa espécie de jardim de inverno, vestido com uma roupa de criança, muito apertada, quase humilhante, sobrecarregada com rendas. No fundo, erguem-se palmeiras imóveis. E, como para tornar esse ambiente tropical ainda mais abafado e sufocante, o modelo segura na mão esquerda um chapéu extraordinariamente grande [...]. Seus olhos incomensuravelmente tristes dominam essa paisagem feita sob medida para eles, e a concha de uma grande orelha escuta tudo o que se diz (BENJAMIN, 1994, p. 144).

Os ateliês fotográficos do século XIX eram bastante ornamentados, a fim de compor uma alegoria com palmeiras, cortinas, tapeçarias e colunas remetendo a um passado luxuoso e ostensivo, até mesmo porque as propriedades químicas para a obtenção da imagem fotográfica produziam melhor resultado dentro de estúdios fechados. Foi num desses ambientes que se encontrava o infante Franz Kafka, como é descrito acima. Todavia, os elementos desses estúdios já estavam sendo substituídos por outros ícones que já não remetem ao passado, mas têm como projeção o futuro, como no exemplo da fotografia da bicicleta. Ela projeta um futuro desejado, desabilita as condições reais do presente, incitando a transformação e rompendo com o passado.

As balizas quanto à investigação iconográfica nos permitem compreender a dinâmica das transformações sociais. Assim, a fotografia acima funciona como um vetor de análise da dimensão visual desses sujeitos, já que as linguagens e a produção material da época, incluindo a privilegiada propagação das imagens, traziam novas e ilimitadas tonalidades à sociedade. Como não era possível experimentar tudo o que era produzido pelas indústrias e pela criatividade humana – sendo essa impossibilidade inerente às estratégias de sustento dos desejos – o ato de olhar ou possuir uma representação imagética e mesmo do objeto fotográfico já era motivo de privilégio para o sujeito do interior distante. A fonte é perceptivelmente situada na ideologia do progresso. “Considerando-se a ideologia como uma *prática* que se estuda na interação social efetiva” (MENESES, 2003, p. 29), são abertas várias perspectivas como a construção da idéia de modernidade a partir do surto da cultura



material nesse período. Esses novos objetos projetavam a imagem do *outro* e a busca pela compreensão deste *outro*, tendo como efeito o entendimento de si pela aproximação ou distanciamento.

Se, no cotidiano das pequenas cidades do Alto Sertão da Bahia, não havia, para os seus moradores, a representação de uma cultura urbana, “as idéias de 'civilidade e progresso' enquanto crítica de costumes” foram sendo evidenciadas em algumas formas de comunicação (PIRES, 2005, p. 318). A modernidade projetada para além dos horizontes dos sertanejos que nunca foram muito longe vem a se significar através de narrativas, correspondências, fotografias, diálogos com viajantes, na audição da conversa alheia, etc. Numa carta de 1920, quando o jovem Oscar chega a New York numa manhã de julho, escreve à sua família dizendo que a primeira impressão “não foi das melhores, o porto é feio e a cidade é baixa e plana. A falta de vegetação causa má impressão a chegada”¹⁷. A aproximação do centro vai transformando a impressão do viajante que iria tentar ali a carreira de engenheiro. Contudo, em seguida afirma que “beleza propriamente parece que não ha aqui, ha é muito o que admirar”. O que é admirável e não é belo? A experiência com as tecnologias das grandes metrópoles para Oscar contrastou com os seus descontentamentos e insucessos ao querer *abraçar o mundo* e não poder. A admiração das novidades decorria justamente por serem *novidades*, o que não significava *beleza*.

10

No entanto, se para Oscar a grande cidade não era de total encantamento, com o roceiro H. Biludo ocorreu o contrário. Em seu itinerário pela capital da Bahia em 1921, narrado em forma de poema no jornal *O Arrebol*¹⁸, diz que poucas vezes havia experimentado tamanha alegria, sentindo-se seduzido pelos ícones de progresso da cidade, como exprime nos versos: “Trancado na gaiolona / Qui se chama elevadô / Assubi numa arturona / Qui me feis inté pavô”. Mais adiante, já quase no final, escreve: “vi nas loja uns arpareio / Qui sabe contá dinheiro / Tirano carqué receio / Entre patrão e os cachero”. Também chamam a sua atenção as festividades urbanas como o carnaval: “Vi a festa da doidice / Qui se chama Carnavá / Esta grande bernadice / Do povo das Capitá”. Ademais, contrastada com a feira caetiteense, onde se reuniam, pelo menos uma vez por semana, lavradores ou moradores das roças e “por entre negócios e conversas, intensificavam-se as redes de convívio e solidariedade,

17 Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Fundo: Acervo particular da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Dr Deocleciano Pires Teixeira. Série: correspondências. Cx.: 4 (1896-1930). Mç.: 4. Carta 2626. Data: 21/07/1920.

18 Fragmento do jornal caetiteense *O Arrebol*, datado de 1921. A fonte tem a seguinte referência: APMC. Fundo: Cartório dos feitos cíveis e criminais. Série: Autos-crimes. Subsérie: Infanticídio. Data-limite: 1918-1943. Cx. 61. Processo 1, fl 21. O poema é intitulado *Impressões de Viage*, com quarenta e sete estrofes, e aparece como parte integrante de uma série de textos que vinham sendo publicados no jornal com o tema “Correspondências dum roceiro”, assinados por H. Biludo, evidentemente um pseudônimo.



quando não, recrudesciam inimizades” (PIRES, 2006, p. 5), disse sobre a feira de Salvador: “Todo dia eu via as fera / Nessas grande Capitá; / A moda é boa e diversa / E o sertão deve imitá”.

Imitar não era o suficiente nem inspirador. Isso porque havia um processo de desenraizamento do homem moderno provocado por fatores como “o devir da coletividade, a desilusão dos valores comunitários herdados; o choque com os pressupostos do individualismo racionalista e da cultura ilustrada, a busca de novos condicionamentos e formas de expressão” (DIAS, 1992, p. XIII). Alguns efeitos desse processo podem ser encontrados numa carta enviada por Nelson, do Rio de Janeiro, à sua mãe em Caetité: “o Chico já fallou-me em vender tudo q. possui e vir morar aqui. Bem sei q. isto é fantasia, mas demonstra a vida de desconforto que se vive no Sertão – desconhecido do Brasil e desconhecendo o Brasil”¹⁹.

Na época havia lugares em que o crescimento urbano era muito acelerado e a ideia de fortuna estava imbricada nesse aparente progresso. São Paulo despontava como um dos principais destinos dos migrantes, sua complexidade social era articulada tanto pela sua potência econômica e política quanto pela sua ebulição cultural. Um poema de 1913 é revelador para entendermos como a ideia de modernidade e as propagandas de progresso estão ligadas a São Paulo e nos surpreende na maneira como o personagem-narrador concebe a proposta que lhe é feita:

O visinho bichano, meu AMIGO
é mais moderno que eu e mais bonito.
Sendo rico e fidalgo, não compito
com o tal, igualal-o não consigo.

Com ares de senhor me diz: Contigo
eu tenho que falar: eu te concito
que vas a S. Paulo. Alli tem-se dito
dinheiro é em cópia, beira grão de trigo

Mas vejo que, falando, o seductor
tem olhos em cima de minh'ANA
minha cara metade, meu amor

O caso é symptomático da insana
propaganda que fez o alleador
Parece que protege, mas engana.²⁰

19 APMC. Fundo: Acervo da Família Teixeira. Grupo: D. Ana Spínola. Série: Correspondências. Data-limite: 1896-1943. Cx.: 1, Mç.: 1. Carta 05. Data: Julho de 1923.

20 FELIS. “No Telhado”. *A Penna*, Caetité, 14/03 /1913. p. 1.



A propaganda é enganadora principalmente pelo fato de estar o “alleador” interessado na mulher a que o personagem devota o seu fascínio, mas também pelas possíveis condições que poderiam ser encontradas em São Paulo. O narrador já não se mostra seduzido pela proposta e sente que sua vida no lugar em que se encontra, mesmo se contrastado com o ideal de homem moderno, é mais segura, pois as condições podem ser elaboradas a partir das suas experiências. O caso é realmente sintomático. Em outras fontes, como em processos criminais, foram encontradas histórias de homens que, após viverem anos em São Paulo e voltarem a Caetité, acusavam suas esposas de infidelidade conjugal.

Além disso, há narrativas de consequências drásticas dessas situações. O jornal *A Penna*, em uma de suas matérias, denuncia que “têm seguido também [para o Estado de São Paulo] grandes grupos de mulheres casadas, de saco às costas, armadas de ponto em branco, sob o comando de homens de reputação reconhecida, as quaes vão em procura de seus maridos, que há muito tempo as têm abandonado”²¹, e até mesmo, “grupos de quarenta, cincoenta e mais mulheres da vida airada que seguem alliciadas por typos de honestidade duvidosa, os quaes vão fazer altissimo negocio de accordo com as encontradas que lhes fizeram”²². Índícios como estes evidenciam que as transformações nesse momento da história moviam os sentidos de variados sujeitos, alguns pelas sensações de mal-estar no seu espaço de origem, fazendo com que buscassem dimensões mais amplas nas urbes modernas, outros pela própria sobrevivência e continuidade da família.

12

Identidade, tempo, lugar: elaborações

Num quadro mais amplo, quando pensa “as identidades” do Brasil, José Carlos Reis debruça-se sobre como a questão da identidade foi tratada por diversos autores brasileiros ao longo de mais de cem anos. Ele diz, sobre velhas e pertinentes indagações a respeito de quem somos, o que fomos e o que queremos ser, que “a resposta depende do sujeito brasileiro que toma a palavra” e que ela também “revelará a posição social de quem toma a palavra” (REIS, 2007, p. XVII-XVIII). Nesse contexto, sobre os desdobramentos de algumas interpretações, assinala que

21 GUMES, João. “Emigração – Recrudesce o Mal”. *A Penna*, Caetité, 25/04/1913. p. 1.

22 *Idem*, p. 1.



dentre outras coisas, disseram do brasileiro: é mestiço, doente, racialmente inferior e incapaz de fazer história, um jeca tatu; é um mestiço eugênico, democrático, feliz, com uma vida tropical exuberante; é proletário e camponês em luta pela reconquista do território e da sociedade que o oprime e o exclui; é um “homem cordial”, afetivo, familiar, incapaz de se submeter a hierarquias e de se associar por motivos racionais; é um homem triste, melancólico, que perdeu todas as suas energias em excessos sexuais; é um mameluco rejeitado pelos pais brancos, que não o reconhecem como descendente, e pela tribo da mãe, que só valoriza a ascendência paterna, é um subdesenvolvido, espoliado pelos países centrais através de trocas econômicas desiguais que o condenam eternamente ao subdesenvolvimento (REIS, p. XVIII).

A solução não está em enquadrar determinados sujeitos nas características das quais mais se aproximam. Entender identidade é muito mais um processo de compreensão dos posicionamentos sociais, das suas construções e reconstruções em cada presente em uma relação de recepção e recusa, do que sistematizar tipologias e caracterizações. José Carlos Reis ainda diz que todos esses “discursos” e “representações” fazem parte de uma rede de ideias que, mesmo com oposições, se tornam mais ricas se forem relacionadas e não tomadas separadamente. Nesse sentido, percebemos que é mais interessante analisar como algumas fontes podem revelar “o sujeito que toma a palavra”, a sua compreensão de si e do seu lugar social, dialogando com outras fontes, no propósito de compor um conjunto de experiências e vivências capazes de dar conta de alguns fatores da história da região e interpretá-los, relacionando-os com o contexto mais amplo das experiências da modernidade. Não é possível discutir identidade sertaneja sem articular uma constelação de sentidos presentes na tradição, na literatura, na cultura popular, nas ciências sociais, etc.; como também seria impreciso *definir* identidade sertaneja a partir dessa constelação. É preciso pluralizar o termo e fazer alguns recortes a fim de fundamentar as interpretações.

13

Para escrutinar as significações de ser sertanejo nesse momento da história, partimos de sensações da época em transformação. O poema de Martins de Almeida demonstra algumas dessas sensações, como também desenganos e possibilidades de elaboração de perspectivas e do cotidiano sertanejo vislumbradas na passagem do ano:

Escuta, meu amor... Fulgio agóra
No mystério do tempo, uma outra aurora,
A primeira deste anno!...
Deixemos o passado e as ilusões
Que foram incentivo aos corações,
Neste lidar insano!...

[...]

Mais longe o Mar... cansado de gemer
Eriça o dorso e vive a se esbater
 No alvo lençol da praia!
Mais além, outro Reino, a Fantazia,
 Onde o sonho desmaia!...

E aqui, Eu, num deserto, incontentado
Choro o presente e pranteio o passado,
 Em triste soluçar!...
O tédio, dentro em mim, todo se espalma
Afogueia-me o peito e ferve a alma,
 Sem cessar!... Sem cessar!...

.....
... Mas novo anno desponta... e a renascença
Das nossas ilusões, de amor e crença,
 Aos poucos há de vir!
Teremos nesta phase uma nova éra,
E passarei, ó vivida chiméra,
 A sorrir!... A sorrir!...²³

14

Qual o lugar da identidade nesse “deserto de sujeitos descontentes, com um passado de constantes ilusões, sonhos perdidos e um cotidiano tedioso”? E quais foram, na linha do horizonte, as perspectivas e, no campo das experiências, as elaborações? O poema nos fornece alguns vetores de interpretações, a começar pela representação da *exterioridade* e pela caracterização do lugar social do sujeito, presentes na segunda e na terceira estrofes. As imagens do “mar a se esbater” e do “reino de fantasias” são confrontadas com o sentimento do tédio provocado por um passado de desenganos e que explode no interior do corpo. A dimensão histórica em que se insere o poema transcende os limites de seu estilo e de sua linguagem. Evidencia, desse modo, a inquietação do sujeito em seu espaço, que está distante do lugar desejado. Mostra também, indiretamente, um desabafo contra algumas idéias sobre o homem interiorano, mais especificamente o homem do campo, tais como aquelas que,

recorrendo a exemplos de desinformação e ignorância, logra[m] demonstrar que alguém que “passa o dia inteiro no campo, executando um trabalho que prende o homem à terra”, só pode preocupar-se com a colheita, a chuva, o frio, o preço dos

23 ALMEIDA, Martins de. “Vita Nueva”. A *Penna*, Caetité, 01/01/1914. p. 1.



grãos, do esterco; quando, à noite, volta para casa, “ tem a cabeça cheia de imagens e vazia de idéias” (BRESCIANI, 1998, p. 54).

Ao se tratar de identidade e seus desdobramentos, as figurações comumente aparecem como uma representação social, tanto no sentido simplificador quanto como um elemento de análises surpreendentes. A figura do tabaréu, entre as muitas representações do sertanejo ou do sujeito interiorano desacostumado com os hábitos de “civilidade”, é partilhada pelo pensamento social caetiteense e aparece em diversos momentos. A possibilidade de fugir desse tipo característico de sertanejo pode ser encontrada no poema de Martins de Almeida na própria negação de seu lugar. Não significa, entretanto, que as características que compõem a figura do tabaréu sejam determinantes para os sujeitos desse espaço, é apenas uma maneira de entender, a partir de um termo usado por aquele “que toma a palavra”, como significava a si e ao seu grupo.

Na passagem do século XIX para o XX, vigorava, em algumas mentes do Alto Sertão baiano, a expectativa de diminuir as distâncias e encurtar as horas de viagens a partir de uma estrada de ferro. A situação na década de 1910 é narrada como angustiosa porque a falta de transporte, as secas, a emigração, a carestia de produtos, etc., são sentidos com maior intensidade e desconforto, pois há outros lugares em que esses problemas são “solucionados” pelas tecnologias que diminuem o tempo e as distâncias. Nessa perspectiva é que surge a figura do tabaréu, o sertanejo interiorano desprezado pelas políticas públicas e à margem dos meios modernos. Nem só por isso, mas também pelo modo diferente, para os urbanos, como vive em seu cotidiano e por serem muitas vezes tomados como incapazes de enfrentar determinadas situações ou de provocar qualquer ameaça. Quanto à vontade de facilitar a engrenagem desse cotidiano, “talvez riam-se de nós aqueles que acham-se cercados de todo o conforto; de nós, pobres *tabaréos* que temos a velleidade de desejar o luxo de uma estrada de ferro”²⁴. Essas experiências de desencantos também fazem parte dos sentidos que compõem o termo. Sucessivas, elas provocam desconfianças diante das possibilidades de mudança e das investidas tecnológicas. Em um desses momentos, quando a Comissão de Obras Contra as Secas, composta, dentre outros, por engenheiros, propõe a construção de açudes na região, entram em cena as reservas de acolhimento dos desconfiados tabaréus “já afeitos com promessas que não passavam de promessas”.

24 GUMES, João. “Situação Angustiosa”. *A Penna*, Caetité, 25/06/1914. p. 1.



Diante disso, a Comissão teve “que lutar pela victoria sobre essa reluctancia; por educar, podemos até dizer domesticar o sertanejo”²⁵.

Fora do seu lugar social, a representação do sertanejo se desdobra de muitas maneiras, especialmente quando diz respeito aos maus modos. Uma passagem do poema de H. Biludo, já referido anteriormente, pode ilustrar essa questão. Quando o roceiro está terminando a narrativa, com sua linguagem bastante peculiar, sobre seu itinerário na capital, conta-nos uma situação bem-humorada: “Incontrano na Bahia / Um cumpade de ca da roça/ Tivemo tanta aligria / Qui intremo logo na troça / Pru sê home arrisurvido / Botô farinha na sôpa/ E depois de ter cumido / Intornô café na ropa”²⁶. Nesta passagem, o roceiro desajeitado e que não se enquadra ao modo de vida urbano é tratado comicamente, vez que botar farinha na sopa e entornar café na roupa não são atos de civilidade.

A questão da identidade pode ser entendida através dessas representações, mas não se define por elas. São apenas vetores para pensar a historicidade de um espaço e o modo como ele é configurado e significado pelos seus sujeitos. Muitas vezes, o fato de estar longe é uma maneira de se distanciar dessas caracterizações ou uma busca do reconhecimento pelos seus conterrâneos. Sobre uma fotografia da vista parcial de Caetité em 1921 está gravada a palavra saudades²⁷. A imagem nos fornece uma dimensão visual da cidade e a palavra lhe confere uma subjetividade, um sentimento ligado à distância de pessoas próximas. Benjamin escreveu que “é compreensível que o indivíduo fraqueje, procurando a sorte” (2000, p. 11), o que pode acrescentar algum sentido a uma frase bastante usada na época: “ninguém é profeta em sua terra”²⁸. Nesse momento da história, o fracasso muitas vezes era entendido na imobilidade, na impossibilidade de conhecer o novo, na falta de um aceleração do ritmo do cotidiano através de meios de comunicação e transportes. O fracasso estava na espera sem resultados, por isso a procura.

25 GUMES, João. “Açudes”. *A Penna*, Caetité, 18/07/1913. p. 1.

²⁶ Ver indicação da fonte na nota 18.

27 Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Fundo: Acervo Particular da Família de Deocleciano Pires Teixeira. Série: Iconografia/Cartões Postais. Cx.: 3. Mç.: 2.

28 Em uma carta à sua mãe, moradora de Caetité, Nelson fala da dispersão de seus irmãos: “Leontina na Bahia, Oscar em S. Paulo, Evangelina em Gurutuba, Tilinha desejando ser freira, Celso sempre ausente...”. Para confortá-la e justificar-se sugere a pergunta: “Depois, o que seria de todos nós em Caetité?”, e termina com a expressão: “ninguém é profeta em sua terra”. APMC. Fundo: Acervo da Família Teixeira. Grupo: D. Ana Spínola. Série: Correspondências. Data-limite: 1896-1943. Cx.: 1, Mç.: 1. Carta 49.



Foto de Caetité, 1921.

Diante de um futuro em que se avistavam as incertezas, é possível dizer que houve vários momentos de elaboração de um ritmo próprio, mas que não estava fechado às interferências externas, tampouco era harmônico; configurava-se conflituoso e cheio de disparidades. Um ritmo que foi sendo elaborado pelos habitantes desse espaço em suas relações cotidianas, mas se pluralizava quando levamos em conta as diferentes condições de vida de cada sujeito e de cada família. Passadas as ilusões e enganos coletivos, suas conseqüências eram arcadas de modo mais pulverizado, no interior dos lares ou na falta deles, no vazio das despensas e no soar do *salve-se quem puder!* Questões que não anulavam, entretanto, os laços de solidariedade tecidos no cotidiano, nas feiras e em outros eventos, e no enfrentamento de situações imprevistas.

*

“Que as coisas continuam assim – *eis a catástrofe*”, na escrita perigosa de Benjamin, pode ser referência às evocações de mudanças sem uma preocupação efetiva e articulada de transformar o quadro da desigualdade social. Essa batalha da história contra o enfeitamento de nossa inteligência pela sedução do progresso e das coisas prometidas começa na perspectiva do horizonte. As



humilhações e a pobreza, o descontentamento e a falta de perspectiva, o senhor de engenho que se transfigurou em coronel e depois em “turista”²⁹, tudo isso em detrimento dos escravos que geraram analfabetos e fomentaram os vagabundos, todos eles configurados em um processo confuso e arbitrário – eis a catástrofe! Mas, às vezes, sujeitos ou comunidades nas mais difíceis situações depararam com as elaborações de outras possibilidades: são possibilidades de sobrevivência tanto do corpo quanto das relações sociais e da cultura, são as elaborações da solidariedade e do compromisso social. Na linha do horizonte desponta uma *referência de realidade* em que o presente pode ser pensado a partir de outro olhar, como o daquele anjo de Paul Klee “que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente” (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Fontes e Bibliografia

Fontes e Arquivos

Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC):

- a) Jornal *A Penna*.
- b) Acervo Particular da Família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Lielva Azevedo. A fina flor: elite e poder em Caetité (1920-1940). *Anais do IV Encontro Estadual de História da ANPUH - BA: “História: sujeitos, saberes e práticas*. Vitória da Conquista, BA: UESB, 2008. p. 1-11.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrum Krieger M. da Silva et. al. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

²⁹ Sobre o conceito de *turistas* e *vagabundos* na sociedade contemporânea ver Zygmunt Bauman, *Globalização* (1999).



_____. *Passagens*. Organizado por Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés et. al. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Forjar a identidade brasileira nos anos 1920-1940. In: HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 27-61.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Prefácio: Hermenêutica e narrativa. In: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. XI-XXII.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Pertencimento e alteridade: romance e formação – leituras de Brasil. In: NAXARA, Márcia, MARSON, Isabel & BREPOHL, Marion (org.). *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 241-260.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de História Regional e Local)*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 1998.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *Fios da vida: tráfico interprovincial e alforriais. Escravos e ex-escravos nos sertões de sima. Rio de Contas e Caetitê-BA (1860-1920)*. São Paulo, 2005, 346 p. Tese. (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo.

_____. Ex-escravos no alto sertão da Bahia – fios da vida. *Anais do XVIII Encontro Regional de História: O historiador e seu tempo – ANPUH/SP*. Assis, SP: UNESP, 2006. p. 1-12.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Tradução de Roberto L. Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RODRIGUES, Camila. *Mãos vazias e pássaros voando: memória, invenção e não-história em “Tutaméia: Terceiras Estórias”, de João Guimarães Rosa*. São Paulo, SP, 2009. 147 p. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ZIMMERMANN, Roque. *América latina – o não ser: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976)*. São Paulo: Vozes, 1986.